



**UNIVERSIDADE ESTADUAL DA PARAÍBA
CAMPUS III – OSMAR DE AQUINO
CENTRO HUMANIDADES
DEPARTAMENTO DE LETRAS
CURSO DE LETRAS**

EDUARDO DE JESUS AVELINO DO NASCIMENTO

VERSOS E RESISTÊNCIA: A LITERATURA DE CORDEL COMO AFIRMAÇÃO

**GUARABIRA
2017**

EDUARDO DE JESUS AVELINO DO NASCIMENTO

VERSOS E RESISTÊNCIA: A LITERATURA DE CORDEL COMO AFIRMAÇÃO

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Orientador: Profa. Dra. Maria Suely da Costa

GUARABIRA
2017

É expressamente proibido a comercialização deste documento, tanto na forma impressa como eletrônica. Sua reprodução total ou parcial é permitida exclusivamente para fins acadêmicos e científicos, desde que na reprodução figure a identificação do autor, título, instituição e ano do trabalho.

N244v Nascimento, Eduardo de Jesus Avelino do.
Versos e resistência [manuscrito] : a literatura de cordel
como afirmação / Eduardo de Jesus Avelino do Nascimento. -
2017.

28 p.

Digitado.

Trabalho de Conclusão de Curso (Graduação em Letras
Português) - Universidade Estadual da Paraíba, Centro de
Humanidades, 2017.

"Orientação : Profa. Dra. Maria Suely da Costa,
Coordenação do Curso de Letras - CH."

1. Poesia. 2. Mulher. 3. Resistência.

21. ed. CDD 398.5

EDUARDO DE JESUS AVELINO DO NASCIMENTO

VERSOS E RESISTÊNCIA: A LITERATURA DE CORDEL COMO AFIRMAÇÃO

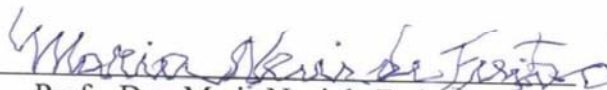
Trabalho de Conclusão de Curso apresentado ao Departamento de Letras da Universidade Estadual da Paraíba, como requisito à obtenção do título de Licenciatura em Letras.

Aprovada em: 07/12/2017.

BANCA EXAMINADORA



Profa. Dra. Maria Suely da Costa (Orientadora)
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Maria Neni de Freitas
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)



Profa. Dra. Rosilda Alves Bezerra
Universidade Estadual da Paraíba (UEPB)

Aos meus pais, pela dedicação, companheirismo e amizade, DEDICO.

AGRADECIMENTOS

A Deus, todo poderoso, por ter agraciado minha vida com a oportunidade de estar presente em um curso de grande importância.

Aos meus pais, Geraldo do Nascimento e Elza Avelino do Nascimento, e ao meu irmão, Emanuel Avelino do Nascimento, por estarem ao meu lado, dando amor, carinho, apoio incondicional no trajeto acadêmico, que em vários momentos me mostraram o caminho para excelência, e a minha namorada, Anny Edze, por todo apoio e incentivo.

À professora Maria Suely da Costa, que compartilhou seu conhecimento através de sua orientação e, ainda, pelas leituras sugeridas desde as monitorias em Teoria e Crítica Literária I e II como também ao longo do desenvolvimento das pesquisas PIBIC, e pela dedicação nesta etapa de conclusão de curso.

Aos professores e funcionários do Departamento de Letras da UEPB/Campus - III, em especial à Marcielly Félix e Euda Saraiva que, quando solicitadas, contribuíram com presteza e atenção na resolução de dúvidas e emissões de documentos.

Aos funcionários da UEPB/Campus - III, parceiros do dia a dia sempre atuantes e auxiliando, quando nos foi necessário.

Aos colegas de sala, que juntos compartilhamos estudos, pesquisas, conhecimentos e momentos que jamais serão esquecidos.

O meu muito obrigado!

A minha voz ainda
ecoava versos perplexos
com rimas de sangue
e fome.

A voz de minha filha
recolhe todas as nossas vozes
recolhe em si
as vozes mudas caladas
engasgadas nas gargantas.
A voz de minha filha
recolhe em si
a fala e o ato.

(Vozes-mulheres, de Conceição Evaristo)

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO	7
2	BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE LITERATURA DE CORDEL E SUA FUNÇÃO SOCIAL	10
2.1	O negro na literatura de cordel: sob a situação de assujeitado	12
2.2	Nova posição literária: o negro como sujeito	14
3	“NÃO ME CHAME DE MULATA”: CONTRAPONDO O RACISMO VELADO	15
4	“QUEM TEM CRESPO É RAINHA”: AUTOAFIRMAÇÃO	19
5	CONSIDERAÇÕES FINAIS	21
	REFERÊNCIAS	23

VERSOS E RESISTÊNCIA: A LITERATURA DE CORDEL COMO AFIRMAÇÃO

Eduardo de Jesus Avelino do Nascimento¹

RESUMO

Este trabalho trata da representatividade da mulher negra na literatura de cordel a partir das produções da cordelista Jarid Arraes. Tem como *corpus* de estudos os cordéis *Não me chame de mulata* e *Quem tem crespo é rainha*. Ao longo dos tempos históricos, tem pesado sobre os ombros das mulheres negras termos que pejoram sua imagem, no entanto, assim como o povo negro, às mulheres negras também resistiram e buscaram ocupar seu protagonismo. Este estudo mostra, através dos versos, a resistência, uma identidade e autoafirmação de mulheres que não se curvam frente ao racismo. Nos cordéis, há a exaltação étnica que afirma a ancestralidade do povo negro. Nisto, observa-se discursos que delineiam uma nova posição da mulher negra perante a sociedade. Para tanto, fundamentam este estudo teóricos voltados para a história e formação social do negro, tais como Guimarães (2005), Carneiro (2005), Fonseca (2001), como também, Maingueneau (2014), a partir dos estudos sobre a perspectiva da linguagem. Em síntese, este estudo identifica a mulher inserida em um novo contexto literário, de forma atuante, com voz ativa, sob uma nova perspectiva de valorização de sua imagem.

Palavras-Chave: Poesia. Mulher. Resistência.

1 INTRODUÇÃO

Não é raro nos deparar com leituras em que a imagem da mulher negra esteja marcada por estereótipos. No contexto brasileiro, esta marca se deve ao fato das “amarras” presentes desde a vil escravidão em que, homens e mulheres, se viram obrigados a exercerem trabalhos árduos sem as mínimas condições para execução das atividades. Estas “amarras” se fizeram presentes nas correntes, que serviam para aprisionamento, e nos chicotes, que estalavam para oprimir.

Às mulheres negras, além da humilhação durante os serviços domésticos, sofriam com seguidas torturas impostas por aqueles que se achavam seus donos. O martírio destas mulheres marcou profundamente a sociedade, visto que, a violência por elas sofrida passava por constantes violações sexuais, e ainda, por muitas vezes, viam-se obrigadas a servirem de escravas reprodutoras para novos comércios dos senhores que as tinham como propriedade.

O pensamento traçado de preconceitos para com homens e mulheres negras ainda persiste na contemporaneidade, tornando-se necessária a reflexão sobre episódios que

¹ Aluno da Graduação em Letras na Universidade Estadual da Paraíba – Campus III.
E-mail: eduardo_jesus29@hotmail.com

marcaram a sociedade, já que muitos dos acontecimentos atuais têm suas explicações no passado, como é o caso do racismo. O estalar dos chicotes foi substituído por ofensas verbais, tal como o “entendimento” da pele negra ser feia.

É fato que muito dos acontecimentos contra a comunidade negra está enraizado nos padrões do período escravocrata. Sempre existiu uma tentativa de oprimir o negro para estabelecer um padrão de pensamento em que tem o homem branco como ser superior ao negro. Logo, este princípio racista dá lugar a constantes afrontas, no qual, homens, mulheres e até crianças negras passam no dia a dia sofrendo o desconcerto do preconceito.

Na literatura, a imagem do negro por muitas vezes assumiu um papel de chacota em produções literárias que sempre esteve dominada por homens pertencentes a elite social, exemplo disso, encontram-se termos como a comparação com o diabo. A mulher aparecia apenas como aquela que estava sempre pronta para servir, assumindo uma figuração submissa sem estar no foco da narrativa, que tinham homens como personagens heroicos.

Em tempos de guerras medievais, o exército vencedor tinha por “direito”, após o cessar dos combates, implantar novos costumes e crenças no meio social do povo que foi derrotado em batalha. Com o povo negro não foi diferente, pois a servidão dos negros não se deu facilmente como ideologias “naturalizadoras” tentavam demonstrar, com intuito de explicar a escravidão com ideia de um povo branco superior intelectualmente.

Nisso, presencia-se na história o apagamento de culturas, políticas, ideias, rituais e crenças de povos que foram massacrados pelo ideal racista e, diante disso, houve um silenciamento dos costumes de povos africanos que foram trazidos para o país para serem escravizados, e quando não aceitavam às condições eram torturados. Teria, pois, renegar às origens, tradições e religiões, afastar-se de sua cultura, de suas raízes.

Embutucar um povo é silenciá-lo, o mesmo que extinguir uma sociedade, retirar da história os marcos de sua cultura. Entretanto, o povo negro resistiu bravamente, com atos heroicos os quais por muitas vezes passam despercebidos pelos olhares da História, no entanto, o que antes era silenciado discursivamente, tomou outros rumos devido ao repensar histórico e produções literárias que visam dar um novo sentido às velhas convicções sociais.

Exemplo disso encontra-se nas produções literárias da cordelista Jarid Arraes, mulher, cearense, que, através da literatura de cordel, atribui um novo sentido, um novo olhar para imagem da mulher negra, colocando-a no centro da conjuntura social como ser complexo que pensa, sonha e luta por seus ideais. Assim, configura-se uma nova posição da representação literária da mulher negra, que deixa de ser “sujeito passivo” e passa a ser sujeito com voz ativa.

Com interesse em analisar a ressignificação da mulher negra, este trabalho direciona-se na leitura de versos dos cordéis *Não me chame de mulata* e *Quem tem crespo é rainha*, de autoria de Jarid Arraes. É possível observar que esses textos pautam uma nova imagem da mulher, em especial negra, pois, sempre teve uma imagem abalizada por estereótipos machistas, sexistas e racistas que sempre a desvirtuaram e, como consequência, ficou à margem dos interesses sociais por longos anos.

Atribuir um novo significado é também entender a mulher no meio social como agente político, com seus pensamentos e interesses para a sociedade. Fato importante a observar que nem sempre se deu facilmente esta conquista. Por muitas vezes, a mulher se deparou com inúmeros atos ofensivos por se posicionar social e politicamente, o que explica à luta pelo direito ao espaço social discursivo.

Uma frente de interessante destaque está com as lutas feministas. Contudo, as mulheres negras não se viram representadas nos discursos pela liberdade de expressão, pois os seus ideais e demandas estavam sendo colocados à margem e não adentravam no interesse do coletivo feminista. No Brasil, com o surgimento do feminismo negro, no fim dos anos de 1970 e início da década de 1980, passou-se a ter um movimento que demandava pelos interesses daquelas que sempre lutaram contra o preconceito.

A partir de então, a luta deixou de ser apenas por representação social e passou a ser contra as práticas imposta desde a escravidão. À medida que grupos de mulheres negras lutam por seus ideais, por consequência, aspiram novas posições sociais, deixando de lado à servidão imposta na escravatura. Agora, recolocam-se inserida na sociedade com discursos ativos contra o preconceito, machismo, sexismo e racismo.

Linguisticamente, materializam-se discursos com objetivo de contrapor atos discursivos preconceituosos, diante disto, verifica-se uma nova perspectiva de ideias que logra êxito no combate ao racismo e, ainda, alcança-se uma nova propositura social, exaltando a beleza do povo negro. Destaca-se, ainda, a luta contra o silenciamento imposto na escravidão, com discursos que dignificam o negro e reconhece a importância de sua ancestralidade cultural.

Na literatura, encontram-se presentes questionamentos dispostos no meio social que refletem o cotidiano. Nesta perspectiva, a produção literária se insere como aliada, pois, está inserida em um contexto de resistência, em que promove a discussão de problemáticas presentes na sociedade. A reflexão literária tem finalidade de levantar temas que muitos consideram tabus, logo, sua causa e efeito coloca em evidência a postura social diante do processo histórico.

No foco desta pesquisa, está presente a literatura de cordel; gênero em cuja linguagem se observa manifestações sociais que, a priori, serviam muito como literatura de entretenimento. No entanto, ao longo da história, também assumiu outras finalidades, passando a ser aliada do povo mais humilde que, por não ter condições para os estudos, viu, através dessa literatura, uma forma de aprender a ler e escrever. De forma que a literatura de cordel ganha novos horizontes e perpassa por todas às camadas sociais.

No contexto da literatura de produção da Jarid Arraes, observa-se versos de apoio à resistência e afirmação identitária, o que confirma a literatura como ferramenta na luta contra à intolerância, e repúdio às práticas discriminatórias contra o povo negro e sua cultura. Em função disso, esta leitura tem por base estudos que discutem a presença do negro no contexto histórico social e literário, a exemplo de autores que delineiam a presença do negro na sociedade, entre eles: Carneiro (2005), Fonseca (2001), Guimarães (2005), e, como base para análise discursiva, têm-se Foucault (1996), Maingueneau (2001, 2014, 2015), dentre outros, para, assim, verificar e compreender os discursos que fomentam uma nova imagem da mulher negra na sociedade através da linguagem literária que a representa, através de discursos que reafirmam uma nova posição.

2 BREVE CONSIDERAÇÃO SOBRE A LITERATURA DE CORDEL E SUA FUNÇÃO SOCIAL

A literatura de cordel, herdeira das trovas medievais – surgido na península ibérica –, tem sua representação no nordeste brasileiro como marco literário, visto que, esta obra literária, foi acolhida pela população devido a musicalidade dos versos, oriunda da tradição oral. O romanceiro popular brasileiro adquiriu novas características ao aportar no Brasil. As rimas passaram a descrever a saga de cangaceiros e descrever as condições de vida do nordestino, por exemplo.

Chamada de “professor folheto”, a literatura de cordel foi instrumento importante na alfabetização de pessoas humildes na primeira metade do século XX, que não dispunham de condições para estudar, tampouco havia escolas para elas. Todavia, narrativas de autores a exemplo de Leandro Gomes de Barros, considerado mestre do cordel, serviu para entreter, além disto, mostrou as aflições do povo nordestino.

A partir das denúncias das condições de miséria do nordestino, o cordel ganhou uma função social, em que revelou a pobreza decorrente da seca e da falta de investimento do poder público. Vale ressaltar, por mais que o autor não tivesse a intenção de problematizar

questões sociais, a literatura por si ganha novo significado no momento que é disposta ao leitor, ampliando horizontes e interpretações vastas, a exemplo do trecho do *Auto da Compadecida*, a seguir, diálogo entre João Grilo e Chicó:

João Grilo – Quando você teve o bicho? E foi você quem pariu o cavalo, Chicó?

Chicó – Eu não. Mas do jeito que as coisas vão, não me admiro mais de nada. No mês passado uma mulher teve um, na serra do Araripe, para os lados do Ceará.

João Grilo – Isso é coisa de seca. Acaba nisso, essa fome: ninguém pode ter menino e haja cavalo no mundo. A comida é mais barata e é coisa que se pode vender. Mas seu cavalo, como foi?

(SUASSUNA, 1997, 27)

Apesar do diálogo ter um cunho cômico, nele, está presente a perversidade da pobreza e consequências que traz ao povo. Evidentemente, na obra existe uma fantasia quando descrevem o que a fome provocou, porém, evidencia a tristeza de uma população que sofre esquecida pelo Estado. Nisso, percebe-se a literatura e o seu valor social, quando passa de deleite e provoca questionamentos que por vezes passam despercebidos pela sociedade.

Em *Literatura e Sociedade* (2006), Antonio Candido perpassa por dois momentos de interesse na prática sociológica do texto literário no que considera evidente, onde relata que “a primeira consiste em estudar em que medida a arte é expressão da sociedade, a segunda em que medida é *social*, interessada nos problemas sociais”. Logo,

[...] investigar as influências concretas exercidas pelos fatores socioculturais. É difícil discriminá-los, na sua quantidade e variedade, mas pode-se dizer que os mais decisivos se ligam à estrutura social, aos valores e ideologias, às técnicas de comunicação. O grau e a maneira por que influem estes três grupos de fatores variam conforme o aspecto considerado no processo artístico. Assim, os primeiros se manifestam mais visivelmente na definição da posição social do artista, ou na configuração de grupos receptores; os segundos, na forma e conteúdo da obra; os terceiros, na sua fatura e transmissão. Eles marcam, em todo o caso, os quatro momentos da produção, pois: a) o artista, sob o impulso de uma necessidade interior, orienta-o segundo os padrões da sua época, b) escolhe certos temas, c) usa certas formas e d) a síntese resultante age sobre o meio. (CANDIDO, 2006, p., 31)

Observa-se, portanto, a importância da literatura para levantar temas e levar à sociedade a refletir sobre ela mesma. Com o cordel não é diferente, pois, reflete as vivências e características do sujeito social, revelando o espaço que está inserido como parte importante da literatura, o que se observa no cordel intitulado “*A Seca do Ceará*”², de Leandro Gomes de Barros: “Seca as terras as folhas caem, / Morre o gado sai o povo, / O vento varre a campina, / Rebenta a seca de novo”.

² A Seca do Ceará. In: MEDEIROS, Irani. (ORG) *No reino da poesia sertaneja*. Antologia Leandro Gomes de Barros. João Pessoa: Ideia, 2002.

Logo, para além do divertimento presente no cordel, é observada uma literatura “denunciadora”, pois há, também, elementos de uma denúncia implícita, em algumas narrativas, e explícita em outras, quando descreve o espaço. Fica evidente uma prática social, como se nota na continuidade do trecho do cordel, do poeta paraibano, a seguir: “Cinco, seis mil emigrantes / Flagelados retirantes / Vagam mendigando o pão, / Acabam-se os animais / Ficando limpo os currais / Onde houve a criação”.

Neste cordel, nota-se o sofrimento daqueles que necessitam vagar para encontrar o mínimo para sobreviver. Os retirantes são aqueles que deixam suas terras em busca de novas oportunidades em lugares desconhecidos. Por muito tempo, relatou-se o êxodo nordestino em poesia por causa das consequências provocada pela terra seca, no exemplo citado, observa-se, pelo título, um local específico, onde o espaço se torna elemento essencial na construção do cordel.

O aspecto social é um traço recorrente também na poesia da cordelista Jarid Arreas. Em seu cordel intitulado *Dora, a negra e feminista* (2014), observa-se um quadro social singular a que muitas famílias humildes vivem. Pode ser verificado, a seguir, os versos dessa situação: “No Natal catava lixo / De gente privilegiada / Papai Noel era um mito / Não o acreditava em nada / Pois era do povo pobre / Vivia só, renegada”. A apresentação social descrita para a personagem Dora revela a inserção da mulher em vida de muitas dificuldades assolada pela fome.

Outro aspecto relevante na literatura de cordel é sua linguagem. Herdeira da tradição oral, a literatura de cordel privilegia uma linguagem muito próxima da oralidade, em estrutura métrica de fácil compreensão. A obra literária se insere em um contexto em que sua composição se torna eficiente, pois, conforme destaca Maingueneau (2001) “o código da linguagem só é eficiente associado ao ethos que lhe corresponde”, portanto, o código linguístico é imprescindível, e este destaca as características da localidade onde está inserida.

2.1 O negro na literatura de cordel: sob a situação de assujeitado.

As produções literárias do período do século XIX e início do século XX acabaram por estabelecer uma forma estereotipada de representação da imagem do negro, sempre representada de forma pejorativa, relegando o negro à margem social. De foram que ainda se observa nos dias atuais as marcas deixadas por um entendimento construído e instituído sobre o negro que se prolifera em forma de racismo.

Nos registros literários, são observadas as marcas de práticas racistas que depreciam a imagem do negro na sociedade. Um exemplo disso encontra-se no cordel *A chegada de Lampião no Inferno*³, de José Pacheco: “Disse o vigia: – Patrão / A coisa vai arruinar / Eu sei que ele se dana / Quando não puder entrar / Satanás disse: – Isso é nada, / Convide aí a negrada / E leve o que precisar”. A imagem do negro sempre foi posta em uma situação submissa diante da intolerância do homem. Assim, a repressão silenciou por anos as vozes daqueles que sofriam seguidamente a violência do preconceito, e as marcas do desprezo sofridas acabaram eternizadas pelo discurso literário.

Nota-se, no trecho apresentado, que o negro tem sua imagem associada ao diabo, o que demonstra a visão preconceituosa que algumas vezes tem o objetivo não de atacar, mas de fazer piada com a pele escura, como se segue: – “Leve três dúzias de negros / Entre homem e mulher / Vá na loja de ferragem / Tire as armas que quiser / É bom escrever também / Pra virem os negros que têm / Mais compadre Lúcifer”. No entanto, apesar de um preconceito não revelado, a comparação remonta ao período da escravidão em que havia as constantes ofensas e, ainda, a deturpação da imagem de homens e mulheres de pele negra:

As imagens construídas sobre o negro, na cultura brasileira, não se distanciam muito daquelas produzidas em outros espaços economicamente desenvolvidos a partir da mão-de-obra escrava. Nesses espaços, o negro, elemento importante na aceleração da acumulação de capital, transformou-se em mão-de-obra barata, em utensílio a ser utilizado nos engenhos, nas minas e, posteriormente, nas fábricas, tendo o seu valor calculado pelo que valia como mercadoria de troca. (FONSECA, 2001, p., 89)

Ao se fazer presente na literatura, este tipo de linguagem revela o assujeitamento por qual o negro ficou rotulado, contudo, vale ressaltar que este tipo de preconceito, enraizado nos discursos racistas, disseminam o ódio que resultam em rotulações que perpassam o tempo com adjetivos de cunho pejorativos, a exemplo de “beijudo, cara do cão, etc.,” e através destes termos tentam depreciar a imagem e humilhar a comunidade negra.

No que diz respeito ao assujeitamento, é nítida a forma como a representação do negro ficou marcada pós-período colonial escravocrata. Muito dessas formas evidencia a herança do preconceito que perpassa culturalmente as gerações. Sobre a passividade, vale lembrar Foucault (1996), segundo o qual, existe uma espécie de controle em uma forma discursiva de estabelecer domínio sobre alguém.

Suponho que em toda sociedade a produção do discurso é ao mesmo tempo controlada, selecionada, organizada e redistribuída por certo número de procedimentos que têm por função conjurar seus poderes e perigos, dominar seu

³ A Chegada de Lampião no Inferno, autoria de José Pacheco. Disponível em <http://www.ablc.com.br/a-chegada-de-lampiao-no-inferno/>.

acontecimento aleatório, esquivar sua pesada e temível materialidade. (FOUCAULT, 1996, p., 8)

Com efeito, assim como mostra a história, aos negros coube viver, por longos anos, assujeitados devido à temeridade da escravidão a eles imposta. Apesar da lei assinada para libertação, eles não a encontraram. Houve, na verdade, foram ações controladas, caracterizadas por estruturas de vigilância, que serviram para uma possível punição ou “correção” a quem não estivesse de acordo com os padrões estabelecidos. Por outro lado, tinha-se “um sistema de individualização que se destina a modelar cada indivíduo e a gerir sua existência”. (REVEL, 2005, p., 30)

Ao longo da história, a deturpação da imagem do negro esteve atribuída como uma verdade, por meio de um discurso que reinava absoluto e nunca era impugnado, pois aceitavam estes atos discursivos como algo natural, e não viam razão para combatê-las. Contudo, muitas vezes outras surgiram em contra discurso, a exemplo de poetas como Luiz Gama⁴ (1830-1882), que demonstrou um engajamento contra o sofrimento dos negros. Porém teve suas obras postas de lado, sem interesse social para a época.

2.2 Nova posição literária: o negro como sujeito

A literatura pode ser concebida como uma prática individual que, através dela, encontram-se elementos dispostos a refletirem a prática do coletivo. No âmbito literário, contudo, não se pode caracterizar o universo ficcional como algo real, mas seus aspectos verossímeis delineiam a essência da sociedade, mediante ao contexto inserido. Logo, o poeta não necessita contar os fatos históricos, porém, não o impede de neles encontrar a inspiração.

Desse modo, a depender de quem escreve, o texto literário seguirá por uma ideologia representativa de determinadas convicções que o autor tenha sobre o mundo a que está submetido. Assim, compreende-se que a finalidade da arte dependerá da representação que o autor queira dar a sua obra, situando-a em um determinado contexto a ser explorado pela linguagem literária. A partir do posicionamento enunciativo da obra, verifica-se, pois,

Para determinar quem tem o direito de enunciar, um posicionamento literário define à sua própria maneira o que é um autor legítimo. Cada autor se orienta em função da autoridade que tem condições de adquirir, dadas suas conquistas e a trajetória que concebe a partir delas num dado estado. Um posicionamento, portanto, não se limita a defender uma estética, definindo também, de modo implícito ou explícito, o tipo

⁴ Para se ter uma ideia da poesia engajada do poeta, vale observar a poesia satírica “Quem sou eu?” que ficou conhecida por “Bodarrada”, disponível na Antologia do Negro Brasileiro, de Edison Carneiro (2005).

de qualificação exigida para se ter a autoridade enunciativa, desqualificando com isso os escritores contra os quais ela se constitui. (MAINGUENEAU, 2014, p., 152).

É por essa possibilidade ampla da linguagem em ser ideológica, apesar do silenciamento cultural a que os negros foram submetidos, por muitos anos, é possível encontrar textos literários que colocam o negro como sujeito histórico de luta por ideais, apresentando discursos que se contrapõem ao do racismo. Evidenciar as questões do negro como tema social presente na literatura é possibilitar a constante reflexão para uma evolução da sociedade que materializou discursos degradantes por subjetivação étnica. A escritora Conceição Evaristo é um exemplo de quem brinda à sociedade com significativos textos provocativos e reflexivos.

No conto intitulado *Maria*, presente no livro **Olhos D'água** (2016), Conceição Evaristo, por exemplo, retrata a vida da personagem central da trama, Maria, no qual, foca à forma como o negro é tratado no contexto social preconceituoso e violento. Maria, ao regressar para casa, depois de um dia cansativo de trabalho, depara-se com seu ex-marido, negro que fortuitamente viria a assaltar o ônibus em que estava, e por ele ter sentado ao seu lado no trajeto, Maria leva a culpa do assalto, acabando linchada. Os elementos que compõe a obra citada podem ser encontrados no cotidiano de cada indivíduo negro que sofreu por conta de sua etnia. A autora faz uma provocação discursiva em torno da perspectiva da personagem, que foi rotulada de “puta, negra safada”. A reflexão sobre a personagem negra e trabalhadora se dá no contexto que a mulher negra é vista perante a sociedade.

De forma semelhante, nos textos de cordéis, foco desse estudo, encontram-se elementos em contraposição à ideia racista, pautando o leitor à reflexão. Jarid Arraes, autora dos referidos cordéis, insere-se nas circunstâncias do sofrimento pelo preconceito, demonstra conhecimento e sua empatia em prol da causa étnico-racial e de gênero.

3 “NÃO ME CHAME DE MULATA”: CONTRAPONDO O RACISMO VELADO

Jarid Arraes, escritora do Juazeiro do Norte, Ceará, é militante dos direitos humanos e integrante do movimento feminista. Suas obras provêm, principalmente, do seu envolvimento em defesa das mulheres e da cultura negra. Observa-se, em especial, a posição firme em colocar as mulheres em um patamar provocativo do discurso, chamando a atenção para a discriminação sofrida e o seu empoderamento.

É fato que a ação de preconceito está diretamente ligada à vivência social, contexto em que, por exemplo, a cor da pele e o tipo de cabelo são determinantes para estabelecer o padrão

de beleza. Este tipo de conduta acaba por excluir aqueles que não estão enquadrados nos moldes estabelecidos socialmente. Determinista e excludente, a discriminação sofrida por mulheres negras, desde o período escravocrata, instituiu a ordem e submeteu maus-tratos fixados e reproduzidos por aqueles que se consideravam seus donos.

Além dos maus-tratos físicos, pejoraram às mulheres negras com alcunhas depreciativas de sua imagem. Exemplo disso é observado em termos recorrentes nos dias atuais que, muitas vezes, passam despercebidos do ponto vista do racismo, porém, carrega consigo as marcas escravocratas, tais como a termo “mulata”, associado à negra.

No cordel intitulado *Não me chame de mulata*, de Jarid Arraes, já se encontra na abertura do texto o convite a consultar o dicionário:

Eu começo este cordel
Recorrendo ao dicionário
Pois o tal livro reflete
Um saber reacionário
Já que o significado
Do verbete ali mostrado
É antigo e ordinário.

Tomarei como um exemplo
A palavra de "mulata"
Revelada a sua origem
Que me fez estupefata
Pois compara com jumento
Com racista entendimento
A gente miscigenada.
(ARRAES, 2014a, p.1)

A expressão “mulata” requer uma atenção especial, visto que está intimamente ligado à visão racista da miscigenação, entretanto, nos países africanos de língua portuguesa o termo “mulato” é comumente utilizado. O termo é derivado da palavra “mula”, criatura infrutífera denominada como ‘erro da natureza’, cria do cavalo com jumenta⁵. No entendimento racista, o filho da relação homem branco com mulher negra é tido como “erro” do processo histórico. O termo é usado para designar aquela que não era totalmente negra, nem branca, como uma forma de “naturalizar” as violações que as mulheres sofriam, algo que é representado no cordel:

É chamado de mulato
Aquele que é misturado
Um dos pais é de cor negra

⁵ No site <https://www.dicio.com.br>, “Mulato” tem o significado de: Pessoa cuja ascendência provém da mistura entre a raça negra e a branca; quem tem o pai negro e a mãe branca, ou vice-versa; [Zoologia] Mamífero que se assemelha ao cavalo, de pelagem acinzentada e de menor porte; burro pequeno e novo. Em resposta a carta do leitor, o professor Sérgio Rodrigues descreve: “O português foi buscar diretamente no latim *mulus*, no século XV, a palavra “mulo”, ou seja, “animal híbrido, estéril, produto do cruzamento do cavalo com a jumenta, ou da égua com o jumento”. Disponível em <http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/8216-mulata-8217-veio-de-8216-mula-8217-isso-torna-a-palavra-racista/>

Sendo o outro branqueado
 Mas a miscigenação
 No início da nação
 Foi um mal desnaturado.

Nunca foi caso de amor
 Como se pode alegar
 Era caso de estupro
 Que à negra ia abusar
 O senhor da Casa Grande
 Mui cruel e dominante
 Pronto pra violentar.

(ARRAES, 2014a, p., 2)

O racismo é um mal social cujos efeitos têm caracterizado o povo negro de incapaz devido à cor de sua pele. A partir do "branqueamento"⁶, estipulado como "solução" contra a pele negra, aceitou-se a ideia de uma sociedade miscigenada, porém, caso o filho de pai branco com mãe negra, ou vice-versa, nascessem com traços dos negros, eram denominados de mulatos, cafés com leite, achocolatados, etc., termos que ainda figuram na contemporaneidade.

Fica perceptível a ação do cordel em denunciar e chamar a atenção ao fato histórico do abuso sofrido pelas mulheres negras, estas não tinha outra saída a não ser “aceitar” aquela situação devido às circunstâncias a elas impostas. Na abertura do cordel, *Não me chame de mulata*, a voz lírica diz que vai recorrer ao dicionário para expor o significado da palavra mulata que sua origem a deixa “estupefata”, ou seja, atônita, “pois compara com jumento / com racista entendimento / A gente miscigenada”.

Utilizar-se da significação do verbete denota que, a princípio, o racismo está no cotidiano da sociedade de forma não revelada em partes, pois alguns termos considerados inofensivos carregam consigo todo peso da escravidão, “assim a doxa patriarcal herdada dos tempos coloniais inscreve a figura da mulher presente no imaginário masculino brasileiro e a repassa a ficção e a poesia de inúmeros autores.” (DUARTE, 2009, p., 6). O termo em si faz esta comparação, também, devido os escravos servirem para o trabalho forçado, em que muitas vezes substituíam o animal com o qual foi comparado.

No entanto, concernente ao relato historiográfico, o cordel apresenta uma nova posição da mulher. Em *Não me chame de mulata* a voz lírica se apropria de sua negritude e revela-se mulher de fibra que não aceita estereótipos depreciativos de sua imagem. Vale ressaltar que a posição ideológica tem o objetivo de confrontar ideais discriminatórios, logo,

⁶ A teoria brasileira do “branqueamento” (...) [é] aceita pela maior parte da elite brasileira nos anos que vão de 1889 a 1914, era peculiar ao Brasil (...) baseava-se na presunção branca, às vezes, pelo uso dos eufemismos “raça mais adiantada” e menos “adiantada” e pelo fato de ficar em aberto a questão de ser a inferioridade inata. (SKIDMORE, 1989, p.81)

evidencia-se a construção *positiva* da imagem da *mulher* e a negação frente à discriminação, como segue:

Mas a partir do momento
Que de tudo me toquei
Entendi o meu contexto
E enfim me empoderei
Tenho uma identidade forte
Forte essa integridade
Como negra me enxerguei.

Essa palavra “mulata”
Ela não me representa
Não sou cria de jumento
Nem de burro sou rebenta
Eu sou filha duma gente
Corajosa e imponente
Com história opulenta.
(ARRAES, 2014a, p., 6)

A hostilidade contra o negro que percorre toda a história ainda persiste fortemente na contemporaneidade. Relatos de discriminação racial no cenário brasileiro abrem discussões sobre o “lugar” do negro, que envolve embates calorosos devido a alguns terem a noção que o racismo é tão somente vitimização por parte do negro, porém, não veem que o preconceito é um mal social e que traz diversas consequências negativas, tanto para quem sofre como para sociedade que se diz moderna.

De forma que a discriminação racial é algo referenciado na sociedade e dentro dela instituída (GUIMARÃES, 2005). A classificação étnico-racial evidencia que o racismo nasce da própria sociedade por discursos que visam determinar ou estabelecer um padrão a ser cultivado e, aquele que não está inserido neste campo discursivo, seja social ou cultural, ficará à margem da sociedade, conseqüentemente, excluído dos parâmetros. Contudo,

Os campos discursivos, nos quais os posicionamentos inscrevem, cada um a sua maneira, gêneros de discurso, não são estruturas estáticas, já que são constantemente submetidos a uma lógica de concorrência em que cada um visa modificar as relações de força em seu benefício. Não são nunca espaços homogêneos: em um momento dado, há de fato um centro, uma periferia e uma fronteira. Entre os posicionamentos centrais, alguns são dominantes, outros, dominados. No que diz respeito aos posicionamentos periféricos, pode se tratar de posicionamentos que, em um estado anterior, se encontravam no centro do campo e foram marginalizados; de novos participantes que esperam chegar ao centro; de posicionamentos que pretendem constituir um subcampo relativamente independente em relação ao centro. (MAINGUENEAU, 2015, p., 68)

Assim, ao observar no poema em estudo palavras como “empoderei”, “opulenta”, “corajosa”, “imponente”, a voz lírica se mostra no centro do campo discursivo de embates ideológicos, e evidencia a grandiosidade do povo negro, logo, demonstra o seu posicionamento firme contra atos discursivos que visam discriminar e ofender a

ancestralidade do povo negro. Tem-se a construção de novos posicionamentos. Nota-se a autoafirmação de uma voz feminina que se contrapõe ao preconceito e exalta sua cor.

4 “QUEM TEM CRESPO É RAINHA”: AUTOAFIRMAÇÃO

A história tem mostrado que o padrão de beleza concebido pela sociedade corrobora para atos discriminatórios, pois o entendimento da pele branca como “bela” e negra como “feia” provoca a contraposição social da imagem do negro no meio social. Nisso, concebe-se a ideia de uma fomentação ao padrão cultuado pela sociedade, que não reconhece a beleza dos cabelos afros, por exemplo.

O reconhecimento da identidade afrodescendente tem reafirmado a posição do negro contra o preconceito. O poema *Quem tem crespo é rainha* põe em evidência um posicionamento frente ao padrão de beleza colocado pelo branco-europeu, “o crespo é ruim, o liso é belo”. O discurso presente neste cordel posiciona uma voz lírica que se coloca numa projeção autoafirmativa, evidenciando o cabelo crespo como símbolo do belo e representação do povo negro.

Coisa linda é o cabelo
 Todo livre e natural
 Coisa bela a cabeleira
 Armada e fenomenal
 Chama muita atenção
 Pela sua afirmação
 Com um profundo ideal.

Olha só, pura beleza
 Esse cacho se mexendo
 Como pé de fruta fresca
 Pelo vento rebulendo
 No gingado do balanço
 É a música do avanço
 A certeza vai crescendo.

(ARRAES, 2014b, p., 4)

Segundo Paiva (2011, p., 69), “desde muito cedo os africanos de todo o continente foram alvo de discriminação e especulações de europeus e povos da Ásia. A cor negra da pele das populações de várias partes da África [...] despertou admiração, desprezo e cobiça.” Considerar o cabelo do negro como “feio” e do branco como “belo” é uma das formas materializadas do racismo, que provoca em muitos jovens, desde criança, a intenção de mudar a textura dos fios.

O cabelo é posto como uma marca da ancestralidade do povo negro, uma forma simbólica de identidade e reconhecimento. A linguagem usada no poema institui a forma de

enaltecer a beleza do cabelo, pontuando o valor cultural e identitário dos cabelos crespos na condição de representatividade da mulher negra. Aqui se propõe um padrão de beleza, diferenciado do que foi posto socialmente como feio e inaceitável. Os crespos também podem afirmar-se como belo, o que é observado adiante:

Não há nada de errado
Em ter o cabelo crespo
Pode ser bem enrolado
Ou um black de respeito
Pois em terra de chapinha
Quem tem crespo é rainha
Com exuberante jeito.

(ARRAES, 2014b, p., 8)

A representação linguística afirmativa “quem tem crespo é rainha”, presente no cordel, promove um novo olhar para a mulher negra. Existe a voz feminina que é determinada, voz que muitas das vezes assume um papel legitimador, colocando em evidência o que passa imperceptível, aos olhos de uns, no dia a dia. Mas, acima de tudo, um “eu-lírico” representativo, que manifesta seus ideais, e coloca-se em uma posição confiante e expressiva de sua condição ativa social.

O discurso usado no cordel está embasado dentro do que Maingueneau (2014) entende por “cenografia” que se torna relevante para sua produção. Estes elementos que estão dispostos no cordel remetem ao contexto histórico em um determinado período. O discurso está embasado na luta e resistência, e os versos denotam o compromisso ideológico através da sua representatividade:

A cenografia não é um simples alicerce, uma maneira de transmitir “conteúdos”, mas o centro em torno do qual gira a enunciação. A literatura é um discurso cuja identidade se constitui através da negociação de seu próprio direito de construir um *dado* mundo mediante uma *dada* cena de fala correlativa que atribui um lugar a seu leitor ou espectador. Para não decair em simples procedimento, a cenografia da obra deve, portanto, corresponder ao mundo que ela torna possível: não há cenografia profética se o texto não oferece uma descrição marcante do justo perseguido. (MAINGUENEAU, 2014, p., 264)

Logo, os cordéis *corpus* apresentam uma voz enunciativa, engajada ideologicamente, inserida dentro de um contexto que o autor chama de “cenografia”, a literatura ganha um conceito histórico, pois remete a um dado momento da história em uma forma de transposição literária. No entanto, vale retomar que autor busca inspiração em fatos históricos e não os transcreve. Jarid Arraes se insere neste contexto social e ideológico para dar ênfase na luta, resistência e autoafirmação da mulher negra, de sua cultura e raízes afrodescendentes.

A voz lírica defende a beleza e, ainda, evidencia a autoexpressão dos cabelos afros. Percebe-se, pois, que existe uma grandeza na aceitação dos crespos como forma de revelar a identidade negra. Observa-se, então, que “cada indivíduo tem uma relação muito particular

com o seu cabelo, esta relação é única, e se dá, através das suas experiências vividas desde a infância até a sua vida adulta” (CLEMENTE, 2010, p.6) Tão logo, presencia-se o discurso enfático que denota reconhecimento de sua ancestralidade peculiar, única, como também, a afirmação contra a discriminação:

No cordel bem encrespado
 Eu repasso a afirmação
 Vou armando essa defesa
 Do crespo a convicção
 Nesse fio de autoestima
 Minha raça legítima
 E espalha essa emoção.

Não há nada de errado
 Em ter o cabelo crespo
 Pode ser bem enrolado
 Ou um black de respeito
 Pois em terra de chapinha
 Quem tem crespo é rainha
 Com exuberante jeito.

(ARRAES, 2014b, p., 8)

Existe, pois, um contra-discurso ao “ideal” padronizado de beleza. Mostra-se que além de autoafirmar-se, a mulher negra tem sua beleza caracterizada pelos fios crespos, que a identifica em um meio social que pretende perpetuar uma “padronização” de beleza, porém, a voz lírica denota a legitimação dos fios ao exprimir que “em terra de chapinha”, ou seja, onde tudo segue o mesmo padrão, “quem tem crespo é rainha”, pois demonstra sua grandeza e beleza.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Por muito tempo a mulher esteve disposta secundariamente na literatura. Atos e feitos heroicos eram protagonizados por homens, no entanto, a partir de novos autores, observam-se novas disposições da mulher dentro da literatura. Para tanto, este protagonismo se dá devido a novas concepções sobre a posição da mulher na sociedade, com isto, destaca-se a atuação feminina tanto por trás do texto, aquela que escreve, como protagonizando as narrativas.

A partir da leitura dos cordéis citados neste trabalho, pôde-se observar que o contexto social no qual se insere a mulher negra está fortemente marcado por uma semântica de estereótipos advindos do período escravocrata. Termos que retomam a agressividade que os negros, de forma geral, foram expostos. Por outro lado, a importância desta literatura consiste em dar ênfase a um discurso que contrapõe os paradigmas atribuídos ao negro, colocando-os dos à margem da sociedade.

Os textos de cordéis da escritora Jarid Arraes inserem-se, pois, em uma nova posição literária, não só pela sua contemporaneidade, mas pelo seu estilo em apontar para o direcionamento de uma nova perspectiva da imagem da mulher negra. A partir da leitura dos referidos poemas, observou-se um conjunto de representações socioculturais positivas em relação à mulher negra, aqui apresentada sob uma nova configuração de valorização e reconhecimento.

Se por um lado, os poemas acabam por lembrar um quadro histórico das condições dadas à mulher negra, carregada de estereótipos advindos do período escravocrata, ilustrando toda uma agressividade a que os negros eram expostos, por outro, apesar dos esforços misóginos ou racistas para apagar a história das mulheres negras no Brasil, a literatura de Jarid Arraes consiste em buscar, retomar e ressignificar a questão étnico-racial sob a luz de um discurso positivado por reconhecimento e valorização da identidade negra.

Os poemas citados tratam de personalidades femininas sob questões de raça e gênero que resistiram às formas de exploração e preconceito e se tornaram protagonistas de suas próprias histórias. Assim, vemos protótipos de mulheres negras batalhadoras, dotadas de habilidades e estratégias imprescindíveis para a compreensão de que nunca se conformaram com os processos discriminatórios da misoginia. Essa literatura de cordel que enfatiza a luta das mulheres negras na sociedade tende a mostrar de que modo elas se colocam em busca da afirmação de sua identidade.

Do ponto de vista do leitor, os poemas em destaque neste estudo podem ser um instrumento facilitador e que agrega por uma linguagem simples, sem rebuscamentos, o poder de ser facilmente acessada a todas as camadas sociais, e com isto atingir o propósito de fomentar uma nova visão do negro. No poema, *Não me chame de mulata*, enfatiza-se a posição da voz feminina em reconhecer-se negra em contrapor o racismo; já no poema *Quem tem crespo é rainha*, encontram-se dispostos a beleza e exuberância dos cabelos afrodescendentes e, ainda, certifica a sua ancestralidade e legitimação de sua identidade. Verifica-se, portanto, a resistência de mulheres que não ficaram submetidas aos padrões sociais e foram em buscas por seu espaço e representatividade.

Por fim, considerando que literatura tem sido, na vida cultural brasileira, um elemento importante para a configurações identitárias, conclui-se que a literatura de Jarid Arraes se inscreve como uma poesia de crítica social, ativa na luta contra o racismo, a exclusão, as desigualdades sociais, em versos que apresenta “quem fala” e o “lugar do qual fala”. São produções que resultam de experiências vivenciais diferenciadas, sintetizando, na forma lírica da poesia, os traços da mulher negra em lutas e conquistas.

VERSOS Y RESISTENCIA: LA LITERATURA DE CORDEL COMO AFIRMACIÓN

RESUMEN

Este trabajo trata de la representatividad de la mujer negra en la literatura de cordel, mediante las producciones de la cordelista Jarid Arraes. Tiene como corpus de estudios los cordeles “No me llame de mulata” y “Quien tiene crespo es reina”. A lo largo de los tiempos históricos, ha pesado sobre los hombros de las mujeres negras términos que pegan su imagen, sin embargo, así como el pueblo negro, a las mujeres negras también resistieron y buscaron ocupar su protagonismo. Este estudio muestra, a través de los versos, la resistencia, identidad y autoafirmación de las mujeres que no se curvan frente al racismo. En los cordeles, hay la exaltación étnica que afirma la ancestralidad del pueblo negro. Por esto, se observa discursos que delinean una nueva posición de la mujer negra ante la sociedad. Para tanto, fundamentan este estudio teóricos orientados hacia la historia y la formación social del negro en Guimarães (2005), Carneiro (2005), Fonseca (2001), como también, Maingueneau (2014), a partir de los estudios sobre la perspectiva del lenguaje. En síntesis, este estudio identifica a la mujer insertada en un nuevo contexto literario, de forma actuante, con voz activa, sobre una nueva perspectiva que valora su imagen.

Palabras clave: Poesía. Mujer. Resistencia.

REFERÊNCIAS

ARRAES, Jarid. **Não me chame de mulata**. Literatura de Cordel, 2014a.

_____. **Quem tem crespo é rainha**. Literatura de Cordel, 2014b.

_____. **Dora, a negra e feminista**. Literatura de Cordel, 2014.

CARVALHAL, Tânia F. Literatura Comparada: a estratégia interdisciplinar. **Revista Brasileira de Literatura Comparada**, v. 1, n. 1, São Paulo: ABRALIC, mar. 1991.

_____. **Literatura Comparada**. Série Princípios. São Paulo: Editora Ática, 2006.

DUARTE, Eduardo de Assis. **Mulheres marcadas: literatura, gênero, etnicidade**. Minas Gerais: Terra roxa e outras terras - Revista de Estudos Literários, 2009.

CANDIDO, Antonio. **Literatura e sociedade**. Rio de Janeiro: Ouro sobre Azul, 2006.

CARNEIRO, Edison. **Antologia do negro brasileiro**. Rio de Janeiro: Agir, 2005.

CLEMENTE, Aline Ferraz. **Trança afro – a cultura do cabelo subalterno**. Escola de Comunicações e Artes – ECA Centro de Estudos Latino Americano sobre Cultura e Comunicação – CELACC. Curso de Especialização em Gestão de Projetos Culturais e Organização de Eventos. São Paulo: USP, 2010. Disponível em <<http://myrtus.uspnet.usp.br/celacc/sites/default/files/media/tcc/247-754-1-SM.pdf>>. Acesso em 17/11/2017.

DICIO. Dicionário Online de Português. Disponível em <<https://www.dicio.com.br/>>

EVARISTO, Conceição. **Maria**. In: Olhos D'água. Rio de Janeiro: Pallas: Fundação Biblioteca Nacional, 2016, p., 39-42.

FONSECA, Maria Nazareth Soares. (Org). **Brasil afro-brasileiro**. 2 ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2001.

FOUCAULT, Michel. **A Ordem do Discurso**. Tradução: Laura Fraga de Almeida Sampaio. São Paulo: Edições Loyola, 1996.

GUIMARÃES, A. S. A. **Racismo e anti-racismo no Brasil**. São Paulo: Editora 34, 2005.

Literatura de cordel e escola. Disponível em <<http://portaldoprofessor.mec.gov.br/storage/materiais/0000015231.pdf>> Acesso em 15/11/2017.

MAINGUENEAU, Dominique. **O contexto da obra literária**. Tradução: Marina Appenzeller. São Paulo: Martins Fontes, 2001.

_____. **Discurso literário**. Tradução: Adail Sobral. São Paulo: Contexto, 2014.

_____. **Discurso e análise do discurso**. Tradução: Sírio Possenti. São Paulo: Parábola Editorial, 2015.

MEDEIROS, Ivan. (Org). **No reino da poesia sertaneja**. Antologia Leandro Gomes de Barros. João Pessoa: Ideia, 2002.

PACHECO, José. **A Chegada de Lampião no Inferno**. Disponível em <<http://www.ablc.com.br/a-chegada-de-lampiao-no-inferno/>>. Acesso em 20/11/2017.

PAIVA, Eduardo França. **Corpos pretos e mestiços no mundo moderno – deslocamentos de gentes, trânsito de imagens**. IN: DEL PRIORE, Mary; AMANTINO, Márcia (ORG.). **História do corpo no Brasil**. São Paulo: UNESP, 2011.

REVEL, Judith. **Michel Foucault: conceitos essenciais**. Tradução: Carlos Piovezani Filho e Nilton Milanez. São Carlos: Editora Claraluz, 2005.

RODRIGUES, Sérgio. **'Mulata' veio de 'mula'? Isso torna a palavra racista?**. In: Sobre Palavras. Disponível em <<http://veja.abril.com.br/blog/sobre-palavras/8216-mulata-8217-veio-de-8216-mula-8217-isso-toma-a-palavra-racista/>> Acesso em 20/11/2017.

SKIDMORE, Thomas E. **Preto no Branco: raça e nacionalidade no pensamento brasileiro**. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1989.

SUASSUNA, Ariano. **O Auto da Compadecida**. Teatro Moderno. Rio de Janeiro: Agir, 1997.